



Naylor Barbosa Vilas Boas

naylor@domain.com.br
Arquiteto, Mestre em
História e Teoria da Arquitetura
PROARQ/UFRJ

A Reconstrução Virtual do Antigo Passeio Público de Mestre Valentim: Metodologia de Pesquisa

Resumo

Este trabalho, parte da dissertação de mestrado “O Passeio Público do Rio de Janeiro: Análise Histórica através da Percepção do Espaço”, tem por objetivo expor a metodologia de pesquisa utilizada para a reconstrução virtual do Passeio Público do Rio de Janeiro concebido por Mestre Valentim.

Tal espaço, construído no final do século XVIII, inspirava-se nos jardins racionalistas franceses, e existiu até a década de 1860, quando foi transformado pela reforma implementada pelo paisagista Auguste Glaziou, que concebeu para o Passeio um traçado ao gosto dos jardins românticos ingleses.

Para sua reconstrução virtual foram utilizadas fontes iconográficas - antigas fotografias, gravuras e plantas - além de relatos de viajantes que ali passaram antes da reforma de 1860, que esclareceram detalhes que não puderam ser registrados pelas imagens.

Assim, o modelo resultante consegue reproduzir com fidelidade todo o conjunto arquitetônico concebido originalmente por Mestre Valentim para o Passeio, bem como a correta articulação dos elementos outrora existentes em seu interior.

Abstract

This work, part of the thesis named “The Passeio Público of Rio de Janeiro: Historical Analysis through Space Perception”, has the purpose to show the methodological process realized for the virtual reconstruction of the Passeio Público idealized by Mestre Valentim da Fonseca e Silva.

That space, constructed at the end of 18th century, was inspired by the French rationalists gardens, and existed until the 1860's decade, when it was transformed by Auguste Glaziou's reformation, who conceived a new design for the Passeio Público, inspired by the landscape English gardens.

To the virtual reconstruction, it was utilized iconographical sources - old photos, engravings and plans - plus travelers reports who passed by there before the reformation of 1860's, wich could enlighten details that wouldn't appear in the consulted images.

So, the final model reproduce with fidelity the whole original architectural elements conceived by Mestre Valentim to the Passeio, and also the correct articulation of the architectural elements that once existed there.

I. Introdução

Ao fazermos uma análise da evolução histórica do Passeio Público do Rio de Janeiro, podemos perceber de que se trata de um espaço que sofreu, ao longo de dois séculos de existência, inúmeras transformações. A concepção original de Mestre Valentim aqui reconstruída persistiu aproximadamente por oitenta anos, sofrendo ao longo deste tempo intervenções menores, todas elas procurando minimizar o grande estado de abandono que periodicamente instalava-se em seu interior.

A primeira transformação **conceitual** de seus espaços se dá pela reforma romântica implementada por Auguste Glaziou na década de 1860. Importando uma linguagem de acordo com os padrões da modernidade de então, Glaziou transforma o antigo traçado retilíneo de Mestre Valentim em um verdadeiro jardim ao gosto inglês, de modo extremamente coerente com os conceitos românticos aplicados à sua elaboração. Sua intervenção transformou inteiramente os espaços do Passeio Público, porém a articulação original de seus espaços internos, que vão se desenvolvendo até a chegada ao clímax espacial - o terraço debruçado sobre o mar - é mantida.

Tal articulação somente é desfeita - com enormes prejuízos para a concepção original do Passeio Público - com a construção da avenida Beira-Mar, na primeira década do século XX. De fato, com o mar afastado do terraço do Passeio, perde-se todo o encanto original de seu espaço, descrito inclusive por vários viajantes que por lá passaram ao longo do tempo.

Finalmente, a partir da década de 50, com a construção do Aterro do Flamengo, o Passeio Público é definitivamente afastado do mar, perdendo-se para sempre sua concepção original.

2. Pesquisa e Metodologia



Figura 1 - O portão do Passeio Público.



Figura 6 - O interior do jardim



Figura 3 - O antigo terraço debruçado sobre o mar.

O objetivo deste trabalho é expor a metodologia e o processo de pesquisa realizado para que a modelagem eletrônica do Passeio Público de Mestre Valentim fosse possível.

Sendo parte integrante de uma tese que trata sobre questões relativas à percepção visual do espaço aplicada à análise arquitetônica, a primeira constatação levada em conta foi da necessidade de que tal modelo fosse o mais detalhado possível, já que o objetivo de tal modelo seria a de possibilitar uma análise perceptiva daquele espaço, vista **obrigatoriamente** do ponto de vista do observador humano.

Porém, o modelo resultante **de forma alguma** tem a pretensão de reproduzir o Passeio Público em sua exatidão histórica, visto que muito das informações necessárias para um maior refinamento se encontram bastante dispersas, quando não inexistentes. Além disso, a falta de informações sobre as cores e os materiais dos elementos aparece quase como um obstáculo intransponível, já que inexistem registros iconográficos em cores daqueles espaços, tornando assim estas definições **conjeturais**, porém não absolutamente aleatórias, escolhidas tendo em vista o repertório de cores e materiais utilizados nas construções contemporâneas ao Passeio modelado e que ainda permanecem em nosso imaginário arquitetônico.

Pode-se afirmar que o Passeio Público aqui modelado reproduz as condições daquele existente por volta das décadas de 1840 / 1850. Mais precisamente no ano de 1841, o Passeio sofre uma pequena reforma de manutenção. Como nos conta Joaquim Manuel de Macedo, escrevendo sobre tal reforma, “o terraço foi convenientemente melhorado e mostrou-se guarnecido por uma bela cortina entremeada de assentos paramentados de mármore e azulejos, e interrompida simetricamente por excelentes grades de ferro. Diversos ornatos aumentaram-lhe ainda a elegância. Os antigos pavilhões quadrangulares, já destruídos em 1817, foram substituídos por torreões octogonais”. (Macedo, 1991)

Portanto, tal descrição de Macedo nos ajuda a situar esta data com certa precisão, sendo que além disso, boa parte das fontes iconográficas primárias (fotografias) consultadas são as de autoria do fotógrafo Revert Henrique Klumb, pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional. Tal documentação foi de extrema importância, pois suas raras fotografias retratam o Passeio Público - principalmente o terraço - com uma gama de detalhes bastante satisfatória, sendo que são umas das poucas fontes de registro fotográfico realizados no local **antes** da reforma romântica da década de 1860.

2.1. O traçado do jardim

O traçado em planta baixa do Passeio Público foi extraído da reprodução existente no livro de José Marianno Filho (Marianno Filho, 1943). Esta reprodução por sua vez é baseada em uma reprodução de Joaquim Manuel de Macedo, provavelmente extraída de alguma antiga edição de seu livro “Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro”. Porém, tal reprodução nos é apresentada sem qualquer referência à escala ou à qualquer tipo de dimensionamento.

Deste modo, de posse de uma planta atual do Passeio Público do ano de 1988, pertencente à Diretoria de Parques e Jardins, tornou-se possível termos referência à escala e, conseqüentemente, às dimensões do Passeio Público atual.

Portanto, ao cruzar todas estas informações, chega-se ao resultado final da planta baixa geratriz de toda a maquete eletrônica. Tomou-se a liberdade de introduzir pequenas correções na simetria e no alinhamento ortogonal de seus eixos estruturadores, não prejudicando sua conceituação e tornando a modelagem eletrônica mais prática.

2.2. O terraço

A maior parte dos detalhes do terraço do Passeio Público foi extraída da observação detalhada das fotografias de Henrique Klumb pertencentes à Biblioteca Nacional, e pela elaboração de croquis com o objetivo de proporcionar uma maior **apreensão e entendimento** daquele espaço, detalhe de suma importância a fim de reproduzir tal espaço digitalmente. Assim, para que tal reprodução seja possível, primeiro é necessário que se **entenda** o espaço em sua plenitude.

Os detalhes relativos à planta baixa do terraço foram extraídos de uma antiga planta de autoria de um certo J. Andrade. Mais nenhuma informação estava disponível nesta planta, mas foi extremamente importante para que se entenda, aliado às descrições de Macedo, a interessante alternância de muros e gradis que outrora existiu no terraço.

Em relação à paginação do piso, as imagens de Klumb foram a única fonte consultada, porém não foram possíveis conclusões mais precisas quanto ao seu desenho. Pode-se afirmar que tal paginação é bastante próxima daquela outrora existente, porém as cores de seus materiais permanecem como conjeturas.



Figura 4 - Aspecto dos antigos pavilhões existentes no terraço do Passeio.



Figura 5 - As pirâmides de Mestre Valentim. Ao seu redor, pode-se observar os antigos bancos de pedras.



Figura 2 - A Fonte dos Amores. Ao fundo, um dos antigos pavilhões.

2.3. Os pavilhões

O detalhamento dos dois pavilhões octogonais existentes no terraço do Passeio Público se tornou possível graças a uma fotografia de Augusto Malta. A riqueza de detalhes revelada pela imagem mostra, bastante oportunamente, uma das faces do pavilhão desprovida de qualquer perspectiva em relação ao observador. Além disso, a existência de figuras humanas ao redor do pavilhão facilita extremamente todo o processo de estimativa das dimensões dos elementos.

2.4. A Fonte dos Amores e as pirâmides de Mestre Valentim

Estes dois elementos do Passeio Público - a Fonte e as Pirâmides - foram modelados com informações iconográficas atuais, visto que não sofreram mudança significativa ao longo de dois séculos de existência.

Em relação à Fonte dos Amores, também conhecida como Fonte dos Jacarés, optou-se por uma modelagem que excluiu o famoso grupo escultórico, visto que os obstáculos técnicos de modelagem dos jacarés somente criaria dificuldades e pouco contribuiria para uma análise da percepção do espaço, objetivo final de tal modelagem.

Quanto às escadas em sua face anterior, que levam ao terraço, não foi possível encontrar em nenhuma fonte iconográfica indicações que pudessem mostrar com clareza como de fato era tal espaço. Porém, a planta baixa consultada mostrava de modo inequívoco o seu funcionamento, que coincidindo com a inclinação da parede da fonte, pôde ser inteiramente compreendida e posteriormente modelada.

Em relação às duas pirâmides, procurou-se informações a respeito de como era seu entorno imediato, visto que este foi inteiramente modificado pela reforma romântica de Glaziou. Deste modo, encontra-se no texto de Macedo uma interessante descrição de como se apresentava. Segundo ele, “*mostravam-se dois pequenos lagos artificiais, do meio de cada um dos quais erguia-se uma pirâmide de cantaria (...). Paralelos às margens dos lados havia bancos de pedras*” (Macedo, 1991).

2.5. O jardim

Quanto ao jardim, nenhuma informação significativa pôde ser obtida acerca da vegetação que existia ali. As fontes consultadas, tanto os registros iconográficos quanto os antigos relatos, não são suficientes para uma conclusão efetiva. Deste modo, procurou-se reproduzir o aspecto **volumétrico** ocupado pela massa vegetal naquele espaço.

Quanto aos canteiros, optou-se por reproduzir uma cobertura gramínea básica, mais de caráter simbólico que propriamente com preocupações de retratar a realidade. Cercando-os, foram reproduzidos pequenos cercamentos, como descritos por Macedo. Segundo sua descrição desta parte do Passeio Público, “*diversas outras ruas largas e bem construídas concorriam com aquelas [os eixos ortogonais] para dividir-se o passeio em maciços de forma regular, cercados por gradaria de taboca (...)*” (Macedo, 1991).

Por último, a natureza do piso dos caminhos do Passeio Público não se encontra relatado em nenhuma descrição, reproduzido em boa parte dos registros iconográficos de maneira indistinta. É de certa lógica supor que o piso que hoje ali está - areia grossa e terra batida - se mantém do mesmo tipo desde sua inauguração, visto que em todas as reproduções ele mantém o mesmo aspecto geral.

2.6. O Portão do Passeio Público

A modelagem do portão do Passeio segue o mesmo princípio metodológico utilizado em todos os outros elementos reproduzidos na maquete eletrônica. Apesar de ainda se encontrar no local, o processo de modelagem baseou-se em duas fontes iconográficas distintas, que o reproduzem com uma qualidade de detalhes bastante satisfatória.

Referências:

1. **MACEDO**, Joaquim Manuel de (1991). *Um Passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garnier, pp. 62, 63, 71.
2. **MARIANNO FILHO**, José (1943). *O Passeio Público do Rio de Janeiro (1779-1783)*. Rio de Janeiro: A Noite, pp. 40-41, nota 67.
3. **SEGAWA**, Hugo (1996). *Ao Amor do Público - Jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP.